

Clandestinidade política: impasses. Meu nome é Ninguém¹

Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes

Ninguém- Oudeis- Odyseus

Ulisses, em grego *Odisseus*, é o herói da *Odisseia* escrita pelo poeta Homero nos 700 a.c. Mitos e reverberações da saga de Ulisses, rei de Ítaca, foram objeto de modificações, adições, interpretações e comentários que atravessaram a Era Antiga e chegam até nós. Ulisses era considerado, entre os filósofos estoicos, o protótipo do sábio ². Durante dez anos participou da Guerra de Troia e a ele é atribuída a concepção do Cavalo de madeira com que presenteou os adversários, comandando um destacamento de soldados ali encerrados. Surpreenderam o inimigo em sua própria casa, ao descer de seu esconderijo móvel.

Vitoriosos, empreendem o retorno a Ítaca, mas fortes tempestades os conduziram ao país dos ciclopes onde encontram uma terra agradável, repleta de frutos. Buscam abrigo e descanso dentro de uma caverna, levando consigo odres repletos de vinho. Foram despertados pelo proprietário, o ciclope Polifemo que imediatamente os aprisionou informando-lhes que os devoraria, um a um. Tendo sua morte anunciada, Ulisses enfrenta o que lhe fora destinado, utilizando-se de um stratagem: procura distrair o gigante oferecendo-lhe vinho. Polifemo diz a ele que em sinal de agradecimento, o devoraria em último lugar. Durante a conversação pergunta-lhe:

- Como te chamas?

- Meu nome é **Ninguém** responde Ulisses.

Inebriado pela bebida, o gigante adormece e Ulisses com ajuda de uma estaca endurecida ao fogo, perfura o único olho de Polifemo.

Ferido, o gigante invoca o auxílio dos demais ciclopes seus compatriotas que lhe perguntam: mas, afinal, quem te feriu? -Polifemo foi obrigado a responder: **-Ninguém** me feriu.

¹ Para *Entretantos* evento organizado pelo Departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae 17/9/2016

² Escola de filosofia fundada em torno do ano 300 a.c. o estoicismo enunciava que o homem é cidadão do mundo e não de um país determinado.

Inebriado pela bebida, o gigante adormece e Ulisses com ajuda de uma estaca endurecida ao fogo, perfura o único olho de Polifemo.

Ferido, o gigante invoca o auxílio dos demais ciclopes seus compatriotas que lhe perguntam: mas, afinal, quem te feriu?

- Polifemo foi obrigado a responder: **-Ninguém** me feriu.

Sem compreenderem a resposta e tomando-o por louco e desatinado, retiram-se.

Amanhecendo, Polifemo afasta a pesada pedra que fechava a caverna, deixando sair o rebanho. Ulisses e seus soldados agarram-se ao ventre de cada um dos carneiros e camuflados sob a lã, escapam sem que o gigante os perceba.

Empreendem finalmente o retorno a Ítaca.

Marcelo Viñar comentando a resposta de Ulisses escreveu: “René Major que conhece o idioma grego melhor do que eu afirma que, quando Ulisses responde à pergunta de Polifemo, (quem és ?) dizendo: meu nome é *Ninguém-Oudeis* em grego- avizinha-se de seu próprio nome **Odyseus**. É esta vizinhança entre o eu e o **Ninguém** que sublinha a qualidade inquietante de quem assina e subscreve uma decisão radical do próprio destino” ³.

Ulisses sábio, cidadão do mundo e guerreiro sagaz será referência para muitos que encontram no mito um modelo de enfrentamento do destino. O disfarce e a astúcia possibilitaram ao grego e tantos outros, vitórias impensadas frente a um inimigo mais forte e mais bem equipado.

A partir de 1964 - histórias ainda clandestinas

Durante a ditadura civil militar que vigou no Brasil, cidadãos brasileiros cujas histórias não conhecemos plenamente permaneceram no país e, resistentes, enfrentaram a barbárie. São os militantes clandestinos. Não sabemos quantos foram. Dentro do território brasileiro, os clandestinos seguiram o roteiro rigoroso da clandestinidade. Tiveram que desconstruir

³ Marcelo Viñar, “ Memória, exílio y retorno: uma experiência uruguaya” in Era de Nieblas, derechos humanos, terrorismo de Estado y salud psicossocial em America Latina. Vários autores. Caracas, Nueva Sociedad, 1990, p. 160

marcas identificatorias para garantir o anonimato sem demolir suas identidades. Tinham um propósito e bancaram as exigências deste lugar. Os clandestinos não perderam a lucidez, ao contrário, tentaram enganar o inimigo usando a astúcia e levaram adiante seu plano. Muitas vezes até a morte. Enfrentam troianos e ciclopes com determinação e coragem.

Fizeram-se **Ninguém**; construíram seus próprios *caballos de madeira* para o enfrentamento do inimigo em solo pátrio. Seu objetivo: combater os militares, resistir em luta contra os avanços de um governo discricionário e fascista, denunciar as violências cometidas para chegar mais perto do coração do poder e atingi-lo mortalmente. Afastam-se de seu grupo familiar, de amigos, de seu trabalho e profissões. Deixam suas casas, seus bens e objetos pessoais. Formam juntamente com os que fizeram a escolha da clandestinidade a coluna vertebral de resistência à ditadura. Reuniram-se febrilmente, fizeram planos estratégicos e de ação. Brigaram entre si e abraçaram-se como nunca. Cada despedida talvez fosse a última. O amanhã, absolutamente hipotético. A certeza do futuro terminava a cada pôr-do-sol. Tinham sido alijados das fileiras dos cidadãos brasileiros, cassados como profissionais, jubilados como estudantes, demitidos por decreto de seu emprego. Eram perseguidos.

Pertencentes aos partidos e organizações declaradas ilegais tinham poucas alternativas de sobrevivência se quisessem continuar a ser militantes políticos. Neste aspecto a **escolha** da clandestinidade era uma questão de sobrevivência. No avesso do Brasil, pulsava a militância clandestina. Às vezes armada na cidade, às vezes armada no campo. Às vezes não-armada. Convicta de sua condição de combatente, sabendo-se perseguida pelas armas militares foi espreitada pela violência e implacavelmente aviltada quando presa. Os órgãos da repressão não se constrangeram em prender militantes com seus filhos, mulheres grávidas e em torturar até a morte. Esconderam os corpos.

A **clandestinidade** tornou-se num primeiro momento, única possibilidade de defesa e de sobrevivência do militante localizado pelas forças repressivas civis e militares.

Cair na clandestinidade ou semi-clandestinidade era sair da cena legal para a defesa da própria vida, defesa do seu partido ou organização política.

Tornar-se clandestino e permanecer clandestino, durante cinco, dez anos ou mais, foi além de uma alternativa de sobrevivência, envolveu uma **escolha**.

Em alguns casos esses militantes poderiam sair do Brasil, pedir asilo político. Esta alternativa existiu para alguns. Houve casos em que o militante saiu do país, exilou-se e depois retornou ao país para ficar clandestino e participar ativamente da luta de resistência e de enfrentamento da ditadura. A essência da **escolha da clandestinidade** está na apropriação da escolha, mesmo que haja a lucidez para reconhecê-la relativa e limitada. É a escolha de um destino. Muito mais complexa do que supôs qualquer um que se viu frente a ela aos 20 anos de idade um pouco mais ou um pouco menos. Tornava-se imperativo firmar e reafirmar, assinar e subscrever a escolha feita.

O clandestino lida o tempo todo com a contradição entre desejar fazer e não poder fazer, desejar ir e não poder ir. O que em última instância enfrenta é o medo de ser descoberto pelo inimigo e o que mantém clandestino é a reiterada tentativa de aceitar a escolha *idealizada e supostamente passageira*.

Esta crença de que era passageira remete ao caráter da decisão tomada. São motivos internos aliados aos motivos externos que determinarão para o militante o rumo da escolha. O clandestino está o tempo todo frente a **impasses** que o consomem. Convive com escolhas que não pode fazer. Não está submetido a espaços materiais inacessíveis, não está preso, não está fora do país. Poderia bater à porta da família mas não pode porque escolheu, porque decidiu, porque assinou a passagem à clandestinidade e estaria arriscando-se a ser preso, a ser morto se violasse esta condição. Instala-se dentro da alma, um dilaceramento mortífero. Vive excluído do território onde

permanece. Abraça o país que o considera um inimigo e vive a des-territorialização em solo pátrio.

O pacto com o escondido, com o não revelado provavelmente teve para muitos clandestinos significação diferente da que outros viveram. O clandestino vai percebendo aos poucos que não é dono do seu tempo, vai sentindo-se isolado. Percebe que o caráter que supunha ser passageiro, avizinha-se do permanente. Em algumas situações chega a viver anos inteiros mantendo contato com um número extremamente reduzido de pessoas, 5 a 10 pessoas. Poderá ser obrigado a passar vários meses em situações de rigorosa clandestinidade dentro de um quarto sem que possa sair, sem que possa fazer barulho que revele seu esconderijo. Nesta condição o clandestino busca no fundo de si, a reserva psíquica que o sustenta, recuperando lembranças que o alimentam compartilhada com os que estão vinculados ao mesmo segredo. É uma busca solitária em aliança com seu grupo.

Disfarce - Nome frio - Ninguém

Os militantes deveriam esconder-se sob disfarces.

Era uma nova roupagem para o novo personagem. Objetivo: driblar a polícia municiada de fotos, descrições físicas recolhidas nas documentações pessoais de fichários da polícia. O disfarce era a essência da nova imagem física. Na escolha do disfarce talvez uma das poucas possibilidades de fazer voar a imaginação pois havia poucos recursos para providenciá-los.

Havia escolha do novo nome. Eram vários os nomes. O do documento *frio* que guardava consigo para trabalhar ou apresentar em viagens, e que só ele e quem produziu o documento conhecia; um segundo nome que usava na relação com os simpatizantes que frequentava, para discutir alguma questão política ou buscar apoio, e o terceiro nome que usava dentro de sua organização de militância. Nomes sem sobrenome, simples designações. Podiam ser Maria ou José. Podia ser qualquer um. De tempos em tempos, esses nomes mudavam. Até hoje, alguns militantes tratam-se pelos nomes *frios* com que se conheceram. Os nomes - homenagem foram sendo dados aos

filhos que nasceram durante a clandestinidade dos pais. Havia um repasse para o filho, da homenagem que os pais faziam, de lembranças que deveriam permanecer. Provavelmente, entre muitos clandestinos ocorreu este ato de homenagem, sobretudo a companheiros que tombaram em luta. Outros deram para seus filhos, depois de saídos da clandestinidade, os nomes *frios* que antes tiveram.

Os militantes não conheciam as verdadeiras identidades e nomes uns dos outros.

Conheciam-se pelos nomes com que se apresentavam.

Na organização de que participei cada militante conhecia apenas mais 4 militantes, eram grupos de cinco integrantes que constituíam as células onde eram planejadas as ações e o rígido programa a seguir. As células eram independentes entre si, cabendo a um coordenador a articulação.

A identidade *fria*, único documento que o militante portava, permitia passar por eventuais barreiras ou revistas policiais. Mas, quando a polícia prendia um militante clandestino, sabia que, exatamente por isso, poderia não revelar sua prisão ou comunicá-la à família.

As famílias não sabiam o nome *frio* que constava da identidade de seu familiar. A identidade clandestina foi usada como um bumerangue contra o militante, para prender, matar e fazer desaparecer. Em grande parte os desaparecidos são militantes clandestinos que a polícia enterrou com os nomes *frios* constantes das identidades clandestinas e pior, enterrou-os como indigentes em valas comuns, sem nome, nenhum nome, N.N. Paradoxalmente a polícia muitas vezes prendeu o militante clandestino já sabendo quem estava prendendo. Em geral já sabia quem era. Ao colocar-lhe o capuz e algemas, dizia: você é *fulano de tal*. E assim o ocultamento do nome próprio que o militante usou para se camuflar, em muitos casos foi usado contra o próprio militante. O estratagema que serviu para o proteger o tornou vulnerável.

Em relação à profissão, escolaridade e vida social, o disfarce aniquilou sonhos de trabalho e profissão, de convivência com a família de origem e

interrompeu laços de amizade forjados durante o tempo anterior ao golpe. Homens e mulheres brilhantes foram tirados da cena da elaboração do pensamento teórico, científico e artístico no Brasil. Toda uma geração foi abafada na possibilidade de reconhecimento profissional pelos seus pares pois adiaram compulsoriamente por mais de dez anos, sua re-instalação profissional e pública.

Este preço o clandestino jamais imaginou que viesse a pagar. Após quinze anos de vigência da ditadura militar, quando finalmente ocorreu a Anistia, em agosto de 1979, a recuperação do nome próprio, o retorno à família, a recomposição de laços rompidos e a recuperação dos direitos de cidadania encontrou homens e mulheres com seus anseios calcinados. O clandestino teria que procurar, entre cinzas, a pequena fagulha que lhe ajudasse a reacender sua vida pessoal e cidadã. Muitos conseguiram. Certamente há quem não tenha encontrado forças.

O que aconteceu com os clandestinos políticos no Brasil

Os embates do isolamento criaram novos eremitas, um jeito de continuar clandestino após a reinstalação da liberdade.

É quando o clandestino continua a ser clandestino, dentro do país que ajudou a tornar livre.

O investimento para sair da clandestinidade traz sofrimento.

O retorno à legalidade, a volta do exílio, a reintegração após a prisão, ser cidadão de uma nação reerguida às custas de seus melhores anos de juventude e de seus sonhos, às custas do sacrifício de companheiros de luta, é um caminho legal, permitido, possível e anistiado. Para muitos, contudo, a clandestinidade tornou-se uma experiência interna. Enraizou-se na alma. Alguma coisa colou-se como uma pele sobre sua pele. Juntou-se à memória como uma névoa.

Todos os mortos e desaparecidos políticos do Brasil em decorrência da ditadura civil militar, em algum momento de suas vidas foram militantes clandestinos. Muitos foram presos nestas condições.

Os clandestinos que sobreviveram, no mesmo silêncio com que se tornaram clandestinos, saíram da clandestinidade. Não houve cerimônias para recebê-los e nem comemorações para reintegrá-los. Cada um foi chegando devagar, fazendo-se reconhecer. Muitos estão entre nós. São resistentes que agora podem falar publicamente sobre si, prestam seu testemunho. Escrevem, contam memórias, fazem filmes e constroem obras de arte.

Aos poucos vão desfazendo o pacto que somente aos poucos pode ser revelado.

Conhecemos agora, mais de 50 anos depois do golpe de 1964, os sentimentos que ocupam os filhos e netos desta geração combatente. O livro *Infância Roubada* publicado pela Assembleia Legislativa de São Paulo, conta a vida de 40 destas crianças, hoje adultos, pais e mães. Contam histórias de suas vidas escondidas com os pais dentro do país, dos nomes frios que também usaram até os 10, 11 anos de idade, alguns sem saber o verdadeiro nome de seus pais até visitá-los na prisão.

Flor ou espinho

Quando comecei a elaborar em 1988 minha dissertação de mestrado ao programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo⁴ construí um roteiro para tentar compreender o custo psíquico de tornar-se clandestino e permanecer clandestino durante cinco, dez anos ou mais. As inquietações que me atravessavam, a partir da minha própria experiência de 11 anos de semi-clandestinidade e clandestinidade, entrelaçaram-se no relato dos companheiros que pela primeira vez aceitaram falar de experiências até então silenciadas. Pude constatar que os impasses da

⁴ Sob a Orientação de Renato Mezan e tendo na banca como interlocutor Manoel Tosta Berlinck, ambos professores da PUC/SP e Celio Garcia professor da Universidade Federal de Minas Gerais

escolha da clandestinidade deixaram marcas e deixaram perguntas.⁵ Para desenvolver a pesquisa, usei como referência textos de Freud e entre estes ⁶ o passaporte para a construção desta aproximação heterodoxa foi o Moises de Michelangelo de 1914⁷ que me possibilitou estabelecer uma cumplicidade com Freud, em relação a sua hesitação para publicar seu estudo interpretando uma obra de arte na revista de psicanálise *Imago*. Este tipo de abordagem não estava prevista nos critérios da revista. Publicou-o, por isso, anonimamente. Este estratagema foi descoberto somente dez anos depois e revelado por Ernest Jones.

Finalizando, resgato a conclusão a que cheguei, expressa nas últimas páginas da minha pesquisa. Utilizei uma metáfora para desenhar o que acontece psiquicamente com os militantes clandestinos que viveram situações máximas e sobreviveram: enlouqueceram? Aniquilaram-se? Nesta busca encontrei subsídios no texto *Freud et le plaisir*⁸ de Monique Schneider e concluí que pode ter havido uma metamorfose ou subversão psíquica por expansão ou explosão e cessado o constrangimento limitante desta mudança, fragmentos permaneceram incorporados neste território psíquico, introduzindo elementos *novos*. Propus um deslizamento- uma metonímia- ao nomear o produto desta experiência.

Pensei nos astros, nas formações do mar, e ao final escolhi uma planta que pudesse descrever o sentimento dos que, durante longo tempo lutaram solitários consigo mesmos para não sucumbir, em ilhas onde *um outro* era apenas uma esmaecida referência. A planta escolhida é o cacto. Por fora, agudos espinhos a protegem. Dentro do corpo, os nutrientes líquidos preservados permitem sobrevivência em terreno árido. Sempre os cactos produzem flores. Raras e duradouras.

⁵ Fomos militantes da Ação Popular Marxista Leninista (APML).

⁶ Dissertação *Pacto re-velado: Abordagem psicanalítica de fragmentos de vida militante clandestina*, (1993) que posteriormente publiquei como livro com o nome *Pacto Re-velado, psicanálise e clandestinidade política*, São Paulo, Escuta, 1995, 210 p. anexo xxviii p..

⁷ Freud, S, Edição standard das Obras psicológicas completas, Rio de Janeiro, Imago, 1980, v XIII

⁸ Schneider, M., *Freud et le plaisir*, Paris, Denoël, 1980, 240 p